

Uma Análise Semiótica de Peirce do filme “A Substância”¹

Beatriz Zonzin Fortes⁵

Guilherme Lelis FONSECA Monteiro

Martins⁶

João Pedro Amaral Lobo²

Rafaela Bertolla de Souza Carvalho³

Alexandre Augusto da Costa⁴

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (Unipac Barbacena-MG)

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise semiótica do filme *A Substância*, dirigido por Coralie Fargeat (2024), a partir da teoria dos signos de Charles Sanders Peirce. A pesquisa examina como a narrativa cinematográfica constrói significações sobre identidade, perfeição e construção social da imagem, utilizando os conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade, além das categorias de ícones, índices e símbolos. A fundamentação teórica baseia-se na semiótica peirceana, explorando a maneira como os signos visuais e narrativos se articulam na obra. A abordagem metodológica é qualitativa, com análise descritiva e interpretativa das cenas do filme. Os resultados demonstram que *A Substância* emprega signos de forma estratégica para questionar padrões estéticos e normas sociais, propondo uma reflexão crítica sobre os processos de significação e a influência da mídia na percepção da identidade.

Palavras-chave: Semiótica; Peirce; Cinema; Identidade; *A Substância*.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no GT16SE – “Estudos audiovisuais” do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Campinas/SP – de 15 a 17/05/2025.

² Estudante de Graduação do Curso de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unipac Barbacena-MG, e-mail: 241-006149@aluno.unipac.br/3299826-2655.

³ Estudante de Graduação do Curso de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unipac Barbacena-MG, e-mail: bertollarafaela@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho, professor do curso de Publicidade e Propaganda do Unipac Barbacena-MG. Doutor em História (UFJF), Mestre em Comunicação (UFJF) e Jornalista (Unipac Lafaiete-MG). E-mail: alexandrecoستا@unipac.br.

⁵ Estudante de Graduação do Curso de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unipac Barbacena-MG, e-mail: 242-000042@aluno.unipac.br/3299814-5915.

⁶ Estudante de Graduação do Curso de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unipac Barbacena-MG, e-mail: 241-007538@aluno.unipac.br/3299884-0409.

A semiótica, enquanto estudo dos signos e da construção de significados, oferece uma abordagem interpretativa essencial para a análise das narrativas audiovisuais. Charles Sanders Peirce, um dos principais teóricos da semiótica, desenvolveu uma teoria triádica da significação, na qual o signo se articula entre um objeto, um *representamen* e um interpretante. Diferente de Ferdinand de Saussure, que propôs um modelo binário entre significante e significado, Peirce expandiu essa teoria ao introduzir três níveis de significação: primeiridade, secundidade e terceiridade. Esses conceitos são fundamentais para compreender a complexidade da construção simbólica e sua relação com a experiência humana. O filme *A Substância* (2024) aborda a construção da identidade e a obsessão pela perfeição dentro de uma sociedade que valoriza excessivamente a imagem.

A trama de *A Substância* centra-se em Elizabeth, uma mulher cuja busca incessante por se encaixar em um ideal de perfeição a leva a questionar sua identidade e propósito. O filme explora temas de alienação e os efeitos psicológicos de pressões sociais impossíveis. A narrativa constrói uma jornada introspectiva, na qual Elizabeth se depara com situações que expõem a fragilidade e os paradoxos de sua busca. Do ponto de vista semiótico, a obra utiliza uma complexa teia de signos para tecer seu discurso visual.

Os signos icônicos, como objetos e cenários estilizados, contribuem para comunicar simbolicamente as angústias internas da protagonista. Índícios subtis, como o uso de sombras e enquadramentos fragmentados, servem para reforçar a sensação de isolamento e divisão. Além disso, os símbolos recorrentes, como espelhos e reflexos, sugerem uma dualidade constante entre quem Elizabeth realmente é e quem ela almeja ser. A estética cinematográfica, cuidadosamente elaborada, atua como um elo que conecta as questões existenciais e o impacto visual, elevando o filme ao status de uma obra imersiva e reflexiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A semiótica, como campo de estudo, é profundamente influenciada pela teoria dos signos de Charles Sanders Peirce (1995). Peirce formulou um modelo triádico de significação, que se distingue pela sua complexidade ao incorporar três componentes fundamentais: o signo, o objeto e o interpretante. Em sua concepção, os signos podem ser classificados em três tipos principais: ícones, índices e símbolos. Para Peirce (1995, p.

101), um ícone é um signo que mantém uma semelhança direta com o seu objeto, como uma fotografia que retrata uma pessoa. Já o índice é um signo que possui uma relação causal ou física com o objeto que representa, como a fumaça que indica o fogo. Por fim, o símbolo é um signo que depende de convenções culturais ou sociais para seu significado, como as palavras em uma língua, que são interpretadas a partir de um consenso social. A teoria semiótica de Peirce, com seu foco nas relações entre esses tipos de signos, é crucial para a análise de filmes, onde os significados visuais são construídos a partir de uma interação complexa de diferentes níveis de signos.

A crítica social que o filme *A Substância* propõe também pode ser lida à luz das discussões de Roland Barthes (1977), que, em sua obra *Mitologias*, aborda como os signos culturais se carregam de significados ideológicos e sociais. Para Barthes (1977, p. 119), os signos não são apenas elementos de comunicação, mas veículos de valores e normas culturais que moldam nossa visão de mundo. No contexto de *A Substância*, a estética visual e a construção das personagens refletem essa troca simbólica entre signos e significados ideológicos, levando o espectador a refletir sobre os padrões estéticos impostos pela sociedade contemporânea.

Além disso, a teoria de Peirce também é complementada pela análise de outros teóricos da semiótica, como Greimas (1987), que aprofundou a noção de semântica narrativa ao explorar como os signos se organizam dentro de uma estrutura de sentido. Greimas (1987, p. 56) propôs um modelo narrativo em que os signos se articulam para produzir uma semântica interna que organiza o enredo de forma a levar o espectador a atribuir significados específicos. No filme *A Substância*, a relação entre os diferentes tipos de signos (ícones, índices e símbolos) e os elementos narrativos ajuda a construir o drama psicológico das personagens, refletindo as pressões sociais relacionadas à imagem e à identidade.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, centrada no método semiótico de Peirce. A semiótica é escolhida por entender que filmes, como textos culturais, podem ser analisados pelos signos que os compõem. Eco (2003, p. 31) destaca que a semiótica interpreta como os signos geram significados e constroem a percepção do espectador. Foram selecionadas cenas chave de *A Substância*, cujos elementos visuais

e sonoros são analisados à luz dos conceitos de Peirce, como ícones, índices e símbolos, e os três níveis de significação: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A análise foca nas interações visuais e construções simbólicas do filme, considerando cores, iluminação, figurino e gestos como componentes significantes. A teoria semiótica de Peirce será usada para examinar como as ações, vestuário e expressões das personagens geram um discurso crítico sobre identidade e padrões estéticos. Segundo Peirce (1995, p. 158), um signo é definido pelo impacto que provoca no interpretante, que será analisado nas cenas do filme.

Além disso, a análise incorpora os conceitos de rema, dicente e argumento de Peirce (1995, p. 161-163), para entender os diferentes níveis de significação e como os signos no filme sugerem ações, estados emocionais e construções argumentativas. Esses conceitos permitirão uma leitura aprofundada do filme, focada nas estruturas de sentido formadas pela interação entre os signos visuais e a narrativa.

Análise Semiótica de A Substância a partir da Teoria de Peirce

A teoria semiótica de Peirce é essencial para analisar a narrativa de A Substância, pois permite compreender as camadas de significação presentes na obra. O filme apresenta uma dinâmica entre ícones, índices e símbolos, conceitos centrais na semiótica de Peirce. Os ícones, como o batom vermelho de Elizabeth, representam os ideais de beleza e feminilidade impostos pela sociedade, funcionando como um signo facilmente reconhecível sem necessidade de mediação cultural (Peirce, 2000). Quando Elizabeth borra o batom, o gesto se torna um índice de sua frustração com os padrões de beleza e sua luta interna contra a perfeição (Peirce, 2005, p. 102). O batom borrado simboliza a desconstrução dessa imagem idealizada, refletindo seu conflito interior.

Os símbolos, por sua vez, dependem de convenções culturais para sua interpretação (Peirce, 2005, p. 104). A humilhação pública de Elizabeth na televisão exemplifica como a mídia, como símbolo, expõe a fragilidade humana para o entretenimento, criticando a superficialidade da sociedade contemporânea. A semiótica peirceana também oferece uma estrutura para compreender os níveis de significação no filme. A primeiridade, exemplificada na cena de Sue no espelho, reflete uma percepção inicial sem julgamento, como descrito por Peirce (1998, p. 41). A secundidade aparece

quando Elizabeth borra seu batom, simbolizando o conflito entre seu desejo de perfeição e a realidade de suas limitações (Peirce, 2005, p. 102). A terceiridade, exemplificada pela exposição de Elizabeth na TV, critica a construção da identidade mediada por convenções culturais, como a busca pela perfeição física (Peirce, 1994, p. 56). Esses níveis de significação revelam as tensões entre imagem e identidade, perfeição e falha, e a pressão social sobre a individualidade.

CONCLUSÕES

A análise semiótica de *A Substância*, com base nos conceitos de Charles Sanders Peirce, revelou como os signos contribuem para a construção da identidade de Elizabeth. A distinção entre ícones, índices e símbolos, e a aplicação dos três níveis de significação (primeiridade, secundidade e terceiridade), permitiram entender como o filme desconstrói a imagem idealizada de beleza e perfeição imposta pela sociedade.

O batom vermelho, como ícone, representa o padrão de beleza, enquanto o gesto de borrá-lo, um índice, reflete a frustração de Elizabeth. O batom borrado simboliza sua crise ao tentar alcançar um ideal impossível, destacando a desconformidade entre imagem pública e realidade. No nível da terceiridade, a televisão, como símbolo da mídia, mediatiza a identidade pública da personagem, evidenciando como as normas sociais moldam e julgam as identidades individuais.

A análise revelou como os signos não só refletem, mas também moldam as identidades, oferecendo uma crítica à superficialidade e à pressão para se conformar aos padrões. O filme proporciona uma reflexão sobre a tensão entre identidade pessoal e as forças culturais externas que a moldam, aprofundando a compreensão dos conflitos internos e sociais da personagem.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FARGEAT, Coralie (Direção). **A Substância**. França, 2024.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: a busca de um método**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Volume 1: Principles of philosophy. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Volume 2: Elements of logic. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. Volume 1. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

PEIRCE, Charles Sanders. **The philosophy of Peirce: a critical introduction**. Oxford: Oxford University Press, 1998.